

LIVROS DIDÁTICOS DAS DÉCADAS DE 20 A 50 EM MINAS GERAIS: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO

ROCHA, Fernanda de Araújo* – UFMG

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins – UFMG

GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação

Agência Financiadora: FAPEMIG

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa *Alfabetização no Brasil e Questões de Gênero: a ideologia presente nas orientações e usos de materiais didáticos – décadas de 20 a 50*¹. As décadas de 1920 a 1950 são marcadas pelos ideais do movimento escolanovista, com embates entre os métodos de ensino analítico e sintético levando à grande editoração de cartilhas analíticas de alfabetização (método global) (FRADE e MACIEL, 2006). A pesquisa investiga como as questões de gênero estavam presentes, ainda que não explicitamente, nos materiais didáticos, corroborando para a ideologia presente nas políticas públicas da primeira metade do século passado, especificamente em Minas Gerais.

Iniciada em agosto de 2005, concentrou-se primeiramente na análise de exemplares da cartilha *O livro de Lili*² de autoria de Anita Fonseca. Todas as fontes pesquisadas foram localizadas nos acervos do Centro de Referência do Professor em Belo Horizonte³ e Centro de documentação do Ceale⁴ – CEDOC/UFMG.

* GSS - Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Sexo na Educação

Coordenadora da pesquisa e orientadora: Adla Betsaida Martins Teixeira, Doutora, Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UFMG

Colaboradora: Francisca Izabel Pereira Maciel, Doutora, Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UFMG.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

² A escolha do *Livro de Lili* para a primeira fase do estudo se justifica pela sua grande aceitação nas escolas, sendo adotada por várias décadas no Brasil. Era uma cartilha amplamente difundida e utilizada na alfabetização de crianças. Além disso, *O livro de Lili* sofreu várias alterações ao longo de suas várias edições, perdendo características europeizadas e se tornando mais “abrasileirada” (FRADE e MACIEL, 2006; TEIXEIRA e SILVA, 2006).

³ Atualmente, o Centro de Referência do Professor tem seu arquivo distribuído entre o Museu da Escola, localizado no Instituto de Educação, e a Biblioteca do Professor, na Secretaria Regional de Ensino Metropolitana A (SREM-A), ambos em Belo Horizonte - MG.

⁴ Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) - órgão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos de pesquisa, ação educacional e documentação na área da alfabetização e do ensino de Língua Portuguesa.

Num segundo momento da pesquisa foram localizados e analisados um número de quarenta e três (43) novos exemplares de cartilha, alguns, tão permanentes quanto *O livro Lili*, outros com existência breve. Esta permanência, breve ou longa, das cartilhas nos oferece as primeiras avaliações sobre quais valores eram difundidos na época.

Antes de apresentarmos os dados mais recentes desta investigação é importante ressaltar o que entendemos por gênero, sexualidade e sexo. Para delimitar estes conceitos, nos apoiamos nos estudos de Scott (1990), Louro (1987, 1989, 1992, 2003) e Teixeira (1998, 2002, 2005) que entendem a categoria gênero como resultante de construções sócio-culturais associadas à diferença sexual. Portanto, distinto de sexualidade, que diferente da mera preferência sexual, manifesta suas várias expressões e impactos na vida dos indivíduos. E, ainda, diferente do conceito sexo, entendido como um aspecto biológico - homem / mulher – e não como fator determinante de comportamentos, ações e possibilidades dos indivíduos na sociedade.

A partir dos conceitos acima estabelecidos, visamos, como já foi mencionado, analisar as questões de gênero presentes nos materiais didáticos do início do século passado. Tais materiais (livros, cartilhas, manuais do professor) tiveram grande influência na caracterização da ação docente, assim como no estabelecimento de referenciais de conduta para a sociedade da época. Este perfil do livro didático ainda pode ser percebido na atualidade, como apontam Casagrande e Carvalho (2006):

O livro didático é uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem (PCN's, 1998). Muitas vezes é o único livro que estudantes e professores tem acesso. Ele assume o status de autoridade e o conteúdo por ele transmitido pode ser adotado por professores/as e alunos/as como a expressão da verdade. Ele acompanha a criança e o adolescente por toda sua vida escolar e desta forma contribui para a formação das alunas e dos alunos como cidadãs e cidadãos (p. 6).

Dessa maneira, foram analisados cartilhas e pré-livros desse período, bem como documentos oficiais (legislação educacional, programas oficiais, currículos, materiais didáticos, materiais de docentes) para melhor contextualização das intenções do Estado para a educação. Estas fontes foram tratadas mediante o contexto histórico pesquisado por estudiosos como Frade e Maciel (2006), Veiga (2007) e Mourão (1962). Ainda

constituem objetivos deste estudo: evidenciar a influência histórica das questões de gênero nas experiências de alfabetização da população brasileira; analisar as mudanças e permanências de valores sobre a segregação dos sexos da época nos materiais escolares.

As questões de gênero nas práticas de alfabetização no Brasil ainda são pouco abordadas, em geral, discutidas de maneira acidental em estudos nos quais os focos são outros. Na pesquisa *Alfabetização no Brasil: O Estado do Conhecimento – 1960-2000*, as autoras (Teixeira e Maciel, 2004) apontam a inexistência de teses e dissertações abordando as questões de gênero. Silva e Teixeira (2006) afirmam que “dentro das instituições escolares, meninos e meninas têm crescido acreditando numa diferença natural entre os sexos, em suas limitações e habilidades” (p. 1). Neste processo, os materiais didáticos utilizados com as crianças nas escolas são responsáveis por versões pasteurizadas de mundo, de comportamentos e significados em torno do ser homem ou ser mulher. Estudos recentes sobre as representações de gênero em livros didáticos de História, Matemática e Ciências relatam que estes materiais didáticos reproduzem uma segmentação bipolar (masculino / feminino), definindo lugares específicos e complementares para homens e mulheres (SILVA, 2006; CASAGRANDE e CARVALHO, 2006; MARTINS e HOFFMANN, 2007).

Metodologia

A metodologia adotada para o desenvolvimento da segunda fase da pesquisa consistiu na localização de cartilhas e pré-livros das décadas de 20 a 50 em Minas Gerais. Foram fontes para consulta: a Biblioteca do Centro de Referência do Professor (Belo Horizonte, MG), o Museu da Escola (Belo Horizonte, MG) e o Centro de documentação do Ceale – CEDOC/UFMG (Belo Horizonte, MG). A partir desse levantamento foi construído um banco de dados com acervo digital fotográfico dos quarenta e três (43) livros didáticos encontrados. Devido a degradação do material em função do tempo, todo o material fotográfico foi tratado através do uso do programa *Photoshop*, versão 7.0, para a melhor visualização do mesmo.

Ainda nesta fase foi feita uma primeira seleção do material repertoriado, no instante de capturar as imagens das cartilhas e pré-livros encontrados, ou seja, tais materiais não foram fotografados na íntegra. Não foram fotografados, por exemplo, exercícios que repetiam o conteúdo das historietas ou textos que não traziam elementos para a discussão das relações de gênero. Outra triagem foi feita durante a análise das cartilhas do banco de dados e alguns textos foram descartados por não oferecerem subsídio para o presente estudo.

Como mencionado, o total de 43 cartilhas e pré-livros foi catalogados segundo: título, autoria, editora, número de edição e ano de publicação. Após, iniciamos a análise das ilustrações e dos textos contidos neste material, buscando compreender quais os ideais de feminilidade e masculinidade, e demais questões de gênero, validadas nestes.

Cabe destacar a importância da análise das ilustrações contidas nos livros didáticos, uma vez que a imagem também é um texto importante, que transmite valores, crenças, modos de ser e agir, que *funciona para incluir ou excluir significados, assegurar ou marginalizar formas particulares de comportamentos* (SOUZA, 1999, p. 11), bem como o texto escrito. Como diria Walty *et al* (2001) sobre a relação entre texto e ilustrações: *na verdade, trata-se de dois textos autônomos que se interpenetram, enriquecendo o jogo de significações da leitura* (p. 68). Daí a importância de dar a devida atenção aos dois textos, o verbal e o imagético, contidos nos livros didáticos.

Até o momento, os dados das cartilhas localizadas estão sendo triangulados com dados de documentos oficiais da época (ideais presentes nas legislação educacional, programas oficiais, currículos, materiais didáticos, materiais de docente fornecidos pelos governos) e com o contexto histórico do período já investigados pela literatura (vide FRADE e MACIEL, 2006; VEIGA, 2007; MOURÃO, 1962). Tal triangulação permitirá traçar o contexto político, social e educacional da época, e seus possíveis impactos na formação de valores e comportamentos. Ainda, dentre as cartilhas encontradas, aquelas de mesmo título, porém de edição ou ano diferente, foram analisadas objetivando identificar: ocorrência de temas abordados, condições e segregação de papéis de seus personagens, enfim a ideologia de gênero presente nas imagens e textos.

Análise de resultados

As cartilhas e pré-livros localizados nos permitem traçar um breve panorama sobre os hábitos, valores e comportamentos das décadas de 20 a 50. Nestes materiais didáticos têm-se conceitos sobre a família ideal, sobre relações familiares, sobre a relação entre adultos e crianças, sobre o mundo público e privado. Cabe lembrar que estas décadas foram marcadas pelos preceitos Escolanovistas, momento em que a infância ganha legitimidade, quando o aluno é visto como o centro do processo educativo, isto é, os procedimentos didáticos são centrados na criança, a partir do ambiente circundante. Ou seja, a escola se configura como uma extensão do lar (VEIGA, 2007, p. 217).

Ao todo, foram encontrados vinte e sete (27) títulos e quarenta e três (43) exemplares de cartilhas que, como já foi mencionado, compõem um acervo digital. Listamos o material repertoriado na tabela abaixo, sistematizado por ordem alfabética de título.

Tabela 1: Relação das Cartilhas e Pré-livros encontrados segundo título, ano de publicação e número de edições localizadas

Título das cartilhas	Ano de Publicação	Edições localizadas
As mais belas histórias	1955	s/ ed.
	1956	3 ^a
Brincando com letras	1957	s/ ed.
	1923	22 ^a
Cartilha Analítica	1946	54 ^a
	1953	62 ^a
	1955	63 ^a
Cartilha brasileira para adultos e adolescentes	1947	s/ ed.
	1954	s/ ed.
Cartilha das crianças	1953	145 ^a
Cartilha das mães	1953	73 ^a
	1956	77 ^a
Cartilha de brinquedo - história do bebê	1945	15 ^a .
	1952	16 ^a

	1952	16 ^a
Cartilha Ensino-Rápido da leitura	1950	426 ^a .
	1955	3 ^a
Cartilha Maravilhosa	1955	4 ^a
Cartilha Proença	1948	66 ^a
Criança Brasileira	1957	37 ^a
	1957	5 ^a
Joãozinho e Maria - Pré-livro	1957	5 ^a
	1956	48 ^a
Lalau, Lili e o Lobo...	1957	49 ^a
	1957	54 ^a
Leituras Infantis	1949	33 ^a
Ler e aprender - cartilha	1952	5 ^a
Ler, escrever e contar	1955	7 ^a
Meu novo amigo	1958	22 ^a
Minha leitura	1942	9 ^a
Nossa cartilha	1956	27 ^a
	1953	173 ^a
Nova Cartilha - Analítico sintética	1953	179 ^a
	1955	185 ^a
O Bom colegial - cartilha	1949	18 ^a
O Gatinho Minau	1949	4 ^a
	s/d	19 ^a
O livro de Lili	s/d	25 ^a
	1953	2 ^a
Pá, Pé e o Papão	1958	5 ^a
Primeiro livro de leitura	1929	114 ^a
Segundo livro de leituras	1948	110 ^a
Zás-trás	1958	6 ^a

O que se percebe ao analisar as cartilhas de mesmo título, porém edições diferentes, é que há pouca ou nenhuma variação de conteúdo nas cartilhas repertoriadas ao longo dos

anos. A única alteração ocorre com a *Cartilha Analítica*, de Arnaldo Barreto, que apresenta o mesmo texto nas quatro edições encontradas, mas ilustrações diferenciadas. Nota-se, nas 22^a e 54^a edições, que os desenhos são mais sérios, “adultizados”, os personagens infantis se assemelham à *mini-adultos*, as ilustrações se aproximam de imagens fotografias (realismo) e o vestuário é bastante europeizado. Já as imagens das 62^a e 63^a edições apresentam os personagens mais infantis, as crianças parecem crianças, as ilustrações, embora utilizem apenas uma cor (ou verde, ou azul, ou vermelho, ou laranja) em contraste com o preto e branco, são bastante vivas. Além disso, percebe-se nítida mudança em relação ao vestuário, que se torna mais coerente com o clima tropical brasileiro.

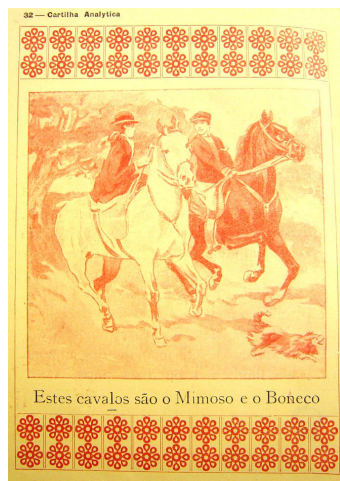


Figura 1⁵



Figura 2⁶

A categoria gênero é também um aspecto que nos chama a atenção nestas imagens e textos. Entretanto, por ser esta uma categoria relacional, questões como classe social, raça, religião, dentre outros, foram consideradas em conjunto para a análise das obras. Faz-se necessário ressaltar que tais categorias analíticas não precederam a análise dos materiais didáticos, ao contrário, a partir da apreciação destes materiais foram se estruturando trinta e duas (32) categorias, algumas relacionadas na tabela abaixo. Nesta, tem-se as primeiras análises que indicam a relação entre poder e posses de animais e segregação de meninos e meninas.

Tabela 2: Categorias de análise

⁵ BARRETO, Arnaldo O. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1923, 22^a edição, p.32.

⁶ BARRETO, Arnaldo O. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1955, 63^a edição, p.17.

CÓDIGOS	SIGNIFICADO
AC	Animal de estimação Cachorro
AD	Ambiente doméstico
AG	Animal de estimação Gato
A-outros	Animal de estimação: outros
AP	Animal de estimação: pássaro
AP	Ambiente público
AR	Ambiente rural
AU	Ambiente urbano
CA	Corpo adulto
CI	Corpo infantil
DA	Divisão de animais
DB	Divisão brinquedos / brincadeiras
DCS	Divisão de classe social
DO	Divisão de objetos
DT	Divisão do trabalho / tarefas
ESH	Estrutura Social Humana
FA	Face adulta
FI	Face infantil
IC	Imagem colorida
IE	Imagem estática
IM	Imagem em movimento
P&B	Imagem em preto e branco
RB	Raça branca
Rg	Aspecto religioso (condição da mulher / do homem)
RI	Raça indígena
RN	Raça negra
TD	Trabalho doméstico
V	Violência
VFA	Veste feminina adulta
VFI	Veste feminina infantil
VMA	Veste masculina adulto
VMI	Veste masculina infantil

Ainda, com respeito ao número de edições das cartilhas, a maior permanência (em anos e número de edições) de determinados títulos de cartilha pode indicar uma maior aceitação, e, portanto, comunhão entre as idéias destes materiais e a ideologia vigente do Estado. O fato é que várias das cartilhas analisadas possuíam em suas folhas de rosto inscrições governamentais comunicando a sua aprovação. Como afirmam Frade e Maciel (2006) sobre a produção editorial do início do século XX, *a produção didática está pautada na legislação vigente e nos programas de ensino estaduais e que vários ideólogos dos programas e reformas são os próprios autores de livros* (p. 106).

O período das décadas de 20 a 50 é marcado por várias agitações políticas, dentre as quais podemos destacar a Revolução de 1930, que culminou na ascensão de Getúlio Vargas à Presidência, o *recrudescimento do movimento operário, do movimento tenentista, da fundação do Partido Comunista (1922), a Coluna Prestes (1924-1924), a industrialização, a expansão urbana e o movimento modernista – Semana de Arte Moderna (1922)* (VEIGA, 2007, p.254). Este contexto gera impacto direto no âmbito educacional:

É dessa época (1924) a criação, no Rio de Janeiro, da associação Brasileira de Educação (ABE), por um grupo de educadores inspirados nas idéias pedagógicas escolanovistas que circulavam nos Estados Unidos e na Europa. É nesse contexto sócio-histórico que as reformas educacionais vão sendo conduzidas, em São Paulo (1920), por Sampaio Dória; no Ceará (1922-23), por Lourenço Filho; em Pernambuco (1922-26), por Carneiro Leão; em Minas gerais (1927-28), por Francisco Campos e Mário Casasanta; no Rio de Janeiro, então Distrito Federal (1928), por Fernando de Azevedo; e na Bahia (1928), por Anísio Teixeira.

Como já mencionado, os preceitos educacionais vigentes eram os da Escola Nova que centraliza o processo educativo no aluno e propõe que a escola seja um *laboratório de pedagogia prática*, pregando o uso do método científico (observação, hipótese, comprovação e formulação de lei) (VEIGA, 2007, p. 218). Ainda, estavam em voga debates acerca de temas como *higienismo, eugenia, biologia, psicologia, sociologia e metodologias de ensino* (VEIGA, 2007, p. 238)

Assim, encontramos nos livros didáticos e nos manuais do professor reflexos desse contexto sócio-histórico. Segue exemplos de trechos retirados do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais, datado 19 de agosto de 1924⁷:

Art. 455. A educação hygienica dos alumnos e professores será feita por meio de conferencias, palestras, conselhos e demonstraões praticas, ensinando-se-lhes os preceitos concernentes aos cuidados pessoaes, os meios de socorro em caso de accidentes, os de evitaem molestias, deformações e defeitos (p. 119).

Art. 457. Todos os alumnos serão obrigados á pratica systematica de exercicios gymnasticos, de accôrdo com o seu desenvolvimento e condições individuaes (p. 119).

Art. 458. Uma vez encontrados defeitos ou anomalias em um alumno, o professor dará aviso ao pae ou pessoa responsavel, pedindo sua attenção para a irregularidade encontrada e solicitando seu auxilio para a correção da mesma (p. 119).

Cabe o cuidado de não generalizar quanto à ligação entre ideologia de Estado e cartilhas. Algumas inovações, tímidas, podem ser identificadas. Talvez um reflexo de novos tempos em que as mulheres passam a se mover mais nos espaços públicos. Porém esta mulher ainda se mantém submetida ao âmbito do doméstico. Um bom exemplo desta inovação é a *Cartilha brasileira para adultos e adolescentes*, de autoria de Alaíde Lisboa, que apresenta um perfil feminino mais direcionado ao ambiente público, voltado para o trabalho. Todavia, a cartilha ainda preserva noções tradicionais de organização familiar, nas quais a mulher, mesmo trabalhadora, deve cuidar dos filhos, da casa e do marido, sendo o homem o provedor.

⁷ Os trechos aqui citados mantêm a ortografia da época.

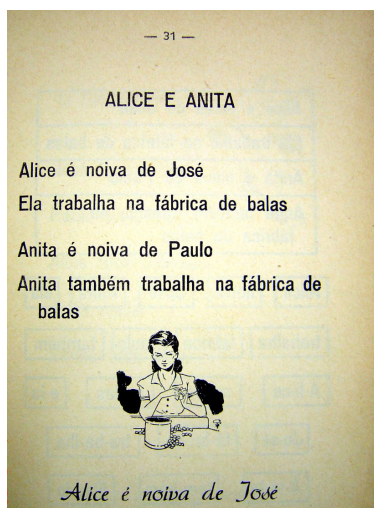


Figura 3

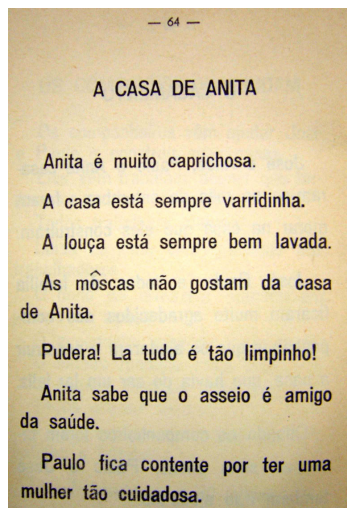


Figura 4

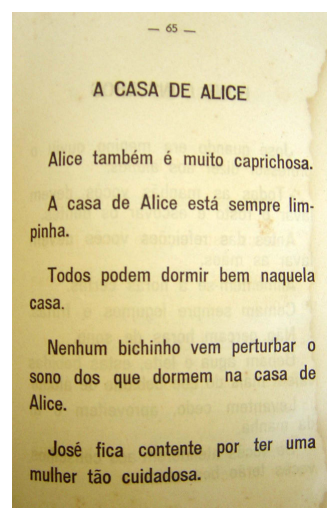


Figura 5

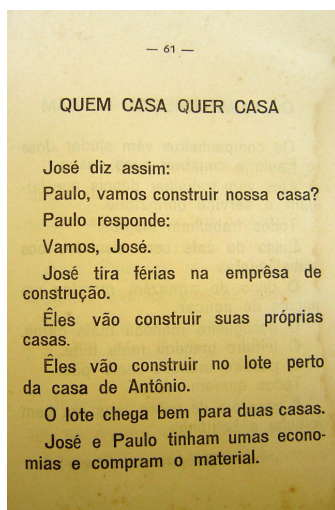


Figura 6

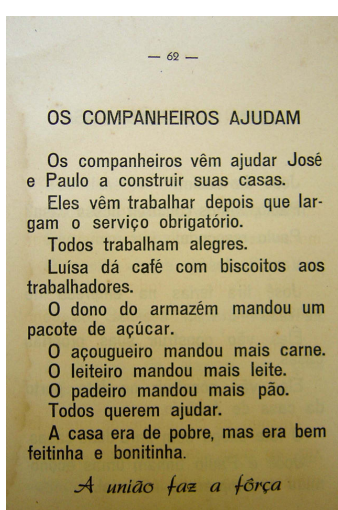
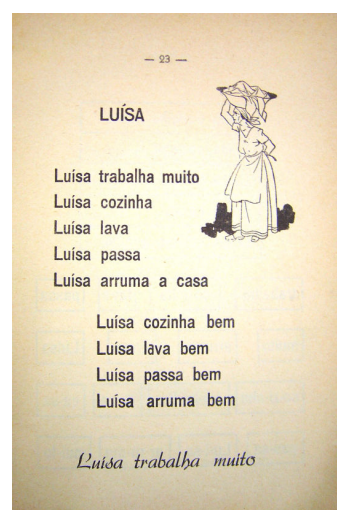


Figura 7

Figura 8⁸

As figuras acima (Figuras 3, 4, 5, 8) apresentam três personagens femininas do livro de Alaíde Lisboa que são *mulheres trabalhadoras*. Porém, a conquista deste espaço público do trabalho não as exime da função de cuidadoras do lar, esposas, mães. Além disso, há uma diferença substancial no tipo de trabalho executado pelas mulheres e pelos homens na cartilha: as mulheres trabalham em uma fábrica de balas, o que remete ao ambiente culinário – cozinha; os homens lidam com carpintaria e construção (Figuras 6 e 7).

Não obstante, no geral, as imagens e textos reforçam uma organização social que confirma e propaga versões de uma natureza masculina associada ao âmbito público (trabalho, aventuras, provedor, poder) e de uma natureza feminina afeita ao âmbito do

⁸ LISBOA, 1947; 1954 p. 31; 64; 65; 61; 62; 23.

privado (casa, cuidado e família). Observa-se sempre a bipolaridade masculino/feminino, homem/mulher, menino/menina, configurando-se, assim, o que Santos (2007) denomina *heteronormatividade*⁹, isto é, a norma da heterossexualidade enquanto padrão de manifestação sexual.

As figuras abaixo ilustram a afirmação feita anteriormente, na qual as personagens femininas estão ligadas ao âmbito privado, ligadas à tarefas domésticas como cuidado com a casa e a família.



Figura 9¹⁰



Figura 10¹¹



Figura 11¹²

Adiante, as imagens mostram que os meninos estão sempre em contato ou de posse de tecnologias da época (carros, patins, máquinas fotográficas), envolvidos em atividades que exigem vigor, coragem, atividade física e, normalmente, em ambientes públicos, mais distantes dos arredores do ambiente doméstico (casa ou jardim).

⁹ Ver SANTOS, 2007.

¹⁰ BARRETO, Arnaldo O. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1955, 63ª edição, p.13.

¹¹ FONSECA, Anita. *O livro de Lili*. São Paulo: Editora do Brasil, s/d., 25ª edição, s/p.

¹² REZENDE, M. A. *Brincando com letras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957, p.33.

Figura 12¹³Figura 13¹⁴Figura 14¹⁵

Nestas, constatamos a eleição de um modelo de masculinidade e feminilidade, com caráter complementar, idealizado para espaços diversos, e certamente com poderes diferenciados.

Similar à cartilha *O livro de Lili*, as outras cartilhas encontradas evidenciam uma segregação de papéis e espaços entre os dois sexos: meninos e meninas. Encontramos nas mensagens e ilustrações uma menina/mulher idealizada, sempre associada às atividades do cuidado, do amor, docilidade, compreensão, dedicação, *daquela que faz as perguntas, da contemplação, de uma atitude contida, ajuizadas (alertando para os perigos, educando, fazendo o que é esperado), não infratoras*. Já o menino/homem se associa à coragem, à força, às imagens do *fazer*, da conquista, da descoberta, aventura, daquele que tem ou fornece as respostas (TEIXEIRA e SILVA, 2006, p.2), enfim daquele que se arisca, que domina o mundo e rompe as regras.

As divergências entre as representações de meninas e meninos não se atêm apenas à segregação de ações explicitadas nos textos. As diferenças entre gêneros se expressam fortemente nas imagens, que projetam a menina como uma “promessa de mulher”, marcadamente feminina, sempre cheia de adornos (fitas no cabelo, vestidos com babados e detalhes), freqüentemente cuidando de seus bebês (boneca) ou envolvidas em tarefas domésticas (cozer, cozinhar, cuidar). Comumente, estas situações envolvem

¹³ REZENDE, M. A. *Brincando com letras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957, p.97.

¹⁴ FONSECA, Anita. *O livro de Lili*. São Paulo: Editora do Brasil, s/d., 25ª edição, s/p.

¹⁵ GRISI, Rafael. *Lalau, Lili e o Lobo*. São Paulo, editora do Brasil, 1957, 49ª edição, p.62.

pouco movimento físico, são imagens recatadas, contidas e contemplativas. Os meninos, entretanto, são retratados em situações que envolvem movimentos físicos (corridas, caçadas, brincadeiras com seus cães, futebol), são caracterizados como crianças, enquanto que as garotas parecem privadas de sua infância. Nota-se que os textos e imagens corroboram para a cristalização de uma ordem do agir frente ao mundo. Neste sentido, têm-se, em teoria, meninas contidas, relegadas ao mundo privado e meninos desbravadores, abertos para as descobertas e para os desafios do mundo.

Figura 15¹⁶Figura 16¹⁷

Há também animais, muitas vezes retratados com características humanas: sentimentos, espaços, habilidades. Ainda, os animais são segregados segundo o sexo das crianças: meninas - gatinhos "fofinhos e limpos" e meninos - cachorros "brincalhões".



Figura 17

Figura 18¹⁸

¹⁶ GRISI, Rafael. *Lalau, Lili e o Lobo*. São Paulo, editora do Brasil, 1957, 49ª edição, p.14.

¹⁷ OLIVEIRA, Mariano. *Nova Cartilha*. Edições Melhoramentos, 1953, 179ª edição, p.56.

A presença de personagens adultos é reduzida, em geral são pai e mãe, avô e avó, tio e tia, professora. Não há presença de professor.



figura 19



Figura 20¹⁹

Através deste estudo verificamos que a escola, via materiais didáticos, promove uma pedagogia da sexualidade, disciplinando os corpos, produzindo ideais de masculinidade e feminilidade. Como afirma Louro (2003) “tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (p. 17).

Considerações finais

A escola, historicamente, mostra-se como um espaço formador de identidades e comportamentos, de construção e desconstrução de ideologias, estereótipos e preconceitos. Neste sentido, os livros didáticos e manuais dos professores exercem papel de destaque, conformando, ou não, a heteronormatividade, e a divisão de papéis e lugares para homens e mulheres na sociedade.

Assim, este projeto de pesquisa objetiva analisar a influência histórica das questões de gênero como estruturantes dos projetos de alfabetização e, conseqüentemente, das

¹⁸ BARRETO, Arnaldo. *Cartilha Analítica*, 1955, 63ª edição, p. 4 e 6.

¹⁹ PROENÇA, Antônio F. *Cartilha Proença*. Edições Melhoramentos, 1947, 66ª edição, p. 11 e 13.

práticas pedagógicas orientadas pelas políticas educacionais entre as décadas de 20 a 50, no estado de Minas Gerais, período caracterizado pelos ideais do Movimento da Escola Nova.

A forte presença dos ideais escolanovistas causou grande impacto nas questões metodológicas. Neste processo, destaca-se o embate travado entre os métodos sintéticos e analíticos para a alfabetização. Em consequência, há um crescimento entorno da produção editorial de cartilhas analíticas voltados para o universo infantil. A nova concepção metodológica traz uma nova concepção de criança, leitura, escrita e também novos ideais de educação para homens e mulheres.

Os dados revelam que os livros didáticos perpetuam ideais de masculinidade e feminilidade distintos e complementares, nos quais as mulheres são afeitas ao âmbito do doméstico, privado, e os homens designados aos espaços públicos, do trabalho.

As inscrições de aprovação nas folhas de rosto das cartilhas e a longa permanência de alguns livros didáticos demonstram que tais materiais estavam em conformidade com as diretrizes governamentais vigentes. Esta comunhão de idéias permite supor que a segregação entre homens e mulheres observada expressam a percepção do Estado ante às questões de gênero.

A pesquisa evidencia que a imagem e o texto configuram-se como importante veículo para a validação e propagação de condutas, constituindo forte referencial na construção de identidades. Entretanto, parece importante mencionar que imagens e textos não determinam comportamentos, mas são instrumentos utilizados para legitimar realidades. Como em qualquer tempo, não devemos imaginar que resistências inexistiram. Certamente estes textos e orientações foram contestados e, nestes casos as sanções provavelmente ocorreram.

É possível perceber que, muitas vezes, os valores sexistas trazidos nas cartilhas e outros materiais didáticos não são explícitos e se naturalizam sob a camuflagem do normal, passando despercebidos por professores/as e alunos/as. Neste sentido, é imprescindível uma formação docente crítica, que eduque e sensibilize o olhar dos professores e professoras para questões, como as de gênero, que se encontram subentendidas nos

materiais didáticos. Tais materiais, mesmo quando apresentando idéias equivocadas, podem ser usados como contra-exemplos. Essa ação depende não apenas da boa vontade docente, mas de um certo preparo desses/as docentes para perceber e agir diante de tais desafios.

O conhecimento e entendimento histórico da alfabetização no Brasil permitem visualizar novos caminhos para a superação de persistentes dificuldades na implementação e transformação de projetos de alfabetização desta mesma população. Investigar as questões de gênero no processo de alfabetização faz-se necessária, uma vez que constata-se a continuidade de desigualdades de acesso e permanência de meninos e meninas nas escolas.

Referência bibliográfica:

BARRETO, Arnaldo de O. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1923, 22ª edição.

_____. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1946, 54ª edição.

_____. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1953, 62ª edição.

_____. *Cartilha Analítica*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1955, 63ª edição.

CASAGRANDE, Lindamir S.; CARVALHO, Marília G. (2006). *Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2066--Int.pdf>

FONSECA, Anita. *O livro de Lili*. São Paulo: Editora do Brasil, s.d., 19ª e 25ª ed.

FRADE, Isabel C. A. S.; MACIEL, Francisca I. P. (orgs.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG / RS / MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: Sografe, 2006, 312p.

GRISI, Rafael. *Lalau, Lili e o Lobo*. São Paulo, editora do Brasil, 1957, 49ª edição, p.62.

LISBOA, Alaíde. *Cartilha brasileira para adultos e adolescentes*. Belo Horizonte: Tipografia Vitória Ltda, 1947; 1954.

LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, 174p.

_____. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.14, n.2, jul./dez. 1989.

_____. Prendas e anti-prendas: educando a mulher gaúcha. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 25-56, 1987.

_____. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. In: *Teoria e Educação*. n. 6, p. 53-67, 1992.

MARTINS, E. F.; HOFFMANN, Z. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. In: *Ensaio*. Belo Horizonte, Vol. 9, nº 1. Julho de 2007.

MINAS Gerais. *Regulamento do Ensino Primário*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924, 157p.

MOURÃO, Paulo K. C. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1962, 608p.

PROENÇA, Antônio F. *Cartilha Proença*. Edições Melhoramentos, 1947, 66ª edição.

REZENDE, Maria. A. *Brincando com letras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957, p.97.

SANTOS, Luís H. S. *Heteronormatividade & Educação*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) - Ministério da Educação (MEC) - British Council: Seminário Gênero e Sexualidades na Escola, 2007. Disponível em: www.britishcouncil.org.br/download/LuisHenrique.pdf

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez. 1990.

SILVA, Cristiani B. da (2006). *Gênero e sexualidade nos livros didáticos de História: Algumas questões sobre produções de subjetividades*. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/C/Cristiani_Bereta_da_Silva_07_A.pdf

SOUZA, Jane F. *Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil*. In: 22º Reunião Anual da ANPED, 1999, Caxambu - MG. Anais da 22º Reunião Anual da ANPED, 1999. p. 235.

TEIXEIRA, Adla B. M. (1998) *The domestication of primary school teaching: a Brazilian study case. PhD Thesis*. University of London, Institute of Education, UK.

_____. *Apropriação de novas tecnologias por docente: questões de gênero*. GE Gênero, Sexualidade e Educação, 28ª Anped, 2005.

_____. *Identidades docentes e relações de gênero*. In: *Escritos sobre Educação*. Ibité. n. 1, p. 7-15, 2002.

_____; SILVA, Solange M. (2006). *Alfabetização no Brasil e questões de gênero: a ideologia presente nas orientações e usos de materiais didáticos – décadas de 20 a 50 –MG*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT23-2326--Int.pdf>

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007, 328p.

WALTY, Ivete L. C.; FONSECA, MARIA N. S.; CURY, MARIA Z. F. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.